

A Religiosidade Camoniana em pleno Renascimento

Micheli Maria Migueis

Licenciada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Católica de Petrópolis¹

RESUMO: O poeta Luís Vaz de Camões escreveu, no século XVI, o maior poema épico em Língua Portuguesa, *Os Lusíadas*, poema renascentista escrito nos moldes clássicos à semelhança da obra Eneida de Virgílio. Entre as diversas possibilidades de investigação deste poema épico, vislumbrou-se a de unir duas temáticas de grande importância, a religiosidade e a literatura. O método adotado para o desenvolvimento dessa temática foi o dedutivo-comparativo. Buscou-se trazer à tona e aprofundar dados já revelados por outros autores e, ao mesmo tempo, chegar a conhecimentos novos pela pesquisa e investigação feita na obra, além de estabelecer paralelos entre *Os Lusíadas*, a Sagrada Escritura e os elementos da Doutrina Católica, de modo a verificar a presença de aspectos religiosos no poema. Camões aderiu vivamente ao classicismo, mas o superou em mais de um aspecto. Pretende-se com este artigo evidenciar a religiosidade do poeta Camões, a partir da releitura de sua obra *Os Lusíadas*. Em *Os Lusíadas*, enquanto o maravilhoso pagão está no plano da ficção, o maravilhoso cristão está no plano das convicções religiosas do poeta. O maravilhoso cristão é expressão da religiosidade do poeta. Esta religiosidade revela-se através de elementos da Doutrina Cristã Católica, de diversas referências bíblicas e de outros elementos de catolicidade, como os mitos católicos. Camões é um típico homem renascentista, que adotou em sua obra as características da estética classicista, mas sem abandonar suas convicções religiosas cristãs católicas, que marcaram de modo significativo sua c

PALAVRAS-CHAVE: Camões; *Os Lusíadas*; Catolicidade.

ABSTRACT: The poet Luís Vaz de Camões wrote, in the 16th century, the greatest epic poetry in Portuguese Language, *The Lusíads*, renaissancist poetry written in classic

¹ E-mail: michelimigueis@yahoo.com.br

patterns similar to Eneida by Virgílio. Among several investigation possibilities of this epic poetry, two themes were found of great importance, the religiosity and the literature. The theme was developed by the deductive and comparative methods. The goal was to bring up and deep some information already studied by other authors and, at the same time, reach some new information through the research and investigation of the poetry, besides drawing a paralel among *The Lusiads*, the Sacred Scriptures and the elements of the Catholic Doctrine, in a way to find out the religious aspects in the poetry. Camões adopted the classicist esthetics but he overcame this esthetics in many aspects. This article has the intention of making evident Camões religiosity, starting on a second reading of *The Lusiads*. In *The Lusiads*, while the wonderful pagan shows a fiction plan, the wonderful Christian shows the poet's religious beliefs. The wonderful Christian is an expression of the poet's religiosity. His religiosity comes up through Christian Catholic Doctrine elements, several biblical references and other elements of catholicity, as catholic myths. Camões is a typical renaissancist man who adopted to his work characteristics from the classicist esthetics but not abandoning his Christian Catholic religious beliefs which have sealed his work in a significative way.

KEYWORDS: Camões; *The Lusiads*; Catholicity.

1 INTRODUÇÃO

Luís Vaz de Camões, escritor do século XVI, marcou, com sua obra vasta e extremamente significativa, não somente a Literatura Portuguesa, mas também a Universal. Consagrou-se, sobretudo, por sua poesia e foi responsável pela criação do maior poema épico em Língua Portuguesa, *Os Lusíadas*, que, segundo Ivan Teixeira (2001, p. 3), “é um dos textos mais importantes e mais referidos de nossa cultura”.

A obra *Os Lusíadas* oferece diversas possibilidades de investigação, entre elas, a de unir, em um único estudo, duas temáticas de grande relevância: a literatura e a religiosidade. Pretende-se, através desse artigo, evidenciar na catolicidade de um povo, que se manteve fiel às suas origens e tradições religiosas, a catolicidade² do poeta Camões a partir da releitura do seu poema épico.

Causa estranhamento para o leitor atento a presença de aspectos pagãos e cristãos em uma obra renascentista, pois neste momento literário o teocentrismo dá lugar ao antropocentrismo, ao teologismo de antes, contrapõe-se o paganismo, característica própria dessa estética literária. Desse modo, apresentam-se as seguintes questões: Como explicar a coexistência do maravilhoso pagão e do maravilhoso cristão em uma obra escrita nos moldes clássicos? Por que Camões apresenta em sua obra essas marcas de religiosidade? Pode-se dizer que a consciência religiosa do poeta é tão intensa, que ele não consegue sufocá-la ou suprimi-la mesmo diante das características classicistas?

A temática desse trabalho será desenvolvida a partir do poema épico camoniano, *Os Lusíadas*, da Sagrada Escritura e da leitura de autores como Hernâni Cidade (1968; 1986), Gladstone Chaves de Melo (1983; 1988; 1991; 1998) e Cleonice Bernardinelli (2000). Outros autores, com suas respectivas obras, também serão citados, como Massaud Moisés (2005) e Ivan Teixeira (2001). Quanto ao método adotado, será o dedutivo de Descartes, partir-se-á do pressuposto de que existem verdades gerais afirmadas sobre o assunto que servirão de premissas para se chegar a conhecimentos novos, e será comparativo porque se pretende fazer paralelos da obra camoniana com a Sagrada

² O termo catolicidade será utilizado em sua original acepção, segundo o dicionário de Língua Portuguesa: universalidade que caracteriza a Igreja Católica, qualidade de católico ou conformidade com o catolicismo.

Escritura e com a Doutrina Católica de modo a verificar a presença dos aspectos religiosos na mesma.

2 RENASCIMENTO E CATOLICIDADE NA VIDA DO POETA CAMÕES

O poeta Camões foi um homem atento às realidades de seu tempo. Viveu intensamente o movimento de renovação cultural pelo qual passou a Europa nos séculos XV e XVI, o Renascimento, esteve a par da grande repercussão social e cultural dos dois movimentos religiosos, a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, na Alemanha, e a Reforma Católica ou Contrarreforma, movimento de resposta da Igreja de Roma diante da ameaça Protestante, ambas no século XVI.

Considerados de modo estanque, Renascimento e Idade Média opõem-se, pois aquele privilegiou o antropocentrismo, enquanto esta difundiu ideias de caráter predominantemente teocêntrico, no entanto essa oposição não é radical, sendo possível encontrar religiosidade nas obras renascentistas, como, por exemplo, em Dante e em Gil Vicente, ambos medievais, ambos renascentistas (MELO, 1991, p. 39-40).

O Renascimento é um desaguadouro de muitas correntes, que se matizaram e se dosaram umas com as outras, de modo, digamos, casual. Dizer Idade Média, cristã, Renascimento, pagão, é ser simplista e, portanto, falso.³

Camões, aderindo à proposta renascentista, escreve sua poesia seguindo a inspiração clássica.

Camões seria clássico mesmo sem que existisse o Classicismo; por isso, aderiu vivamente à nova moda (e superou-a em mais de um aspecto, com isso volvendo-se um poeta de permanente valia e precursor da poesia barroca), visto ela conter meios de alcançar resposta as suas inquietantes interrogações de homem culto e ultrasensível.⁴

A linguagem clássica é uma expansão de ideias e sentimentos do homem do século XVI, traduz o espírito aventureiro, fruto das navegações, e reflete a busca dos modelos literários greco-latinos.

Dentre outras características classicistas, percebem-se claramente na obra camoniana o emprego da medida nova (o uso de versos decassílabos); o antropocentrismo; a presença de elementos da mitologia pagã, consequência da influência da cultura greco-latina; e a valorização do gênero épico para cantar os grandes feitos nacionais.

³ MELLO, 1991, p. 40.

⁴ MOISÉS, 2005, p. 55.

A poesia camoniana é fruto de saberes, imaginação, memória, razão, sensibilidade, é confissão de uma vida sofrida, repleta de paradoxos e incertezas, resultado de vivências e de uma apurada consciência do “desconcerto do mundo” (Ibidem, 2005, p. 55).

De fato, Camões é um homem típico do Renascimento, como tantos escritores afirmam, mas ao assumir as características renascentistas, não nega suas convicções religiosas católicas.

Camões, homem do seu tempo e homem muito lido, não fugiu ao clima espiritual da época. Porém, rigorosamente ortodoxo, como foi, jamais admitiu a sabendas, conceitos, fórmulas ou oposições que contraditassem a fé católica. Logo, não palmilhou os caminhos ou descaminhos do ceticismo, da cabala, da magia, do naturalismo.⁵

O professor Hernâni Cidade afirma que o poeta, em sua obra, não se exprime somente como artista, mas como homem, português e cristão e justamente em um momento em que a Europa está sendo ameaçada pelo proselitismo e pelo imperialismo turco (CIDADE, 1968, p. 84 e 101).

Não faltaram opiniões divergentes quanto à religiosidade do poeta, para Henrique Lopes de Mendonça, autor da segunda metade do século XIX, Camões era um pagão, que viveu distante do espírito e dos dogmas católicos; para alguns, era um judeu, cristão-novo, que assumiu máscara católica com a intenção de alcançar a aprovação inquisitorial para sua obra, *Os Lusíadas*; para outros, o poeta era cabalista, chegam a provar tal afirmação a partir de “multiplicações e divisões com o número das estâncias de cada um dos dez Cantos de *Os Lusíadas*”; para outros ainda, Camões acreditava “nos deuses e semideuses da Mitologia”. Segundo esses, quando o poeta canta em *Os Lusíadas* “O falso deus adora o verdadeiro”⁶, o deus verdadeiro referido por Camões seria Baco e não Jesus Cristo (MELO, 1988, p. 27).

Os eruditos que defendem tais teses, desprezando a leitura direta dos textos, lançam-se a especulações. Camões tem o espírito da catolicidade, apesar de ter tido uma vida moral oscilante.

Mesmo em meio ao lameiro que patinhava, o poeta não deixava de fixar o alto ideal moral de que tanto sentia distanciar-se.⁷

⁵ MELO, 1991, p. 44.

⁵ *Os Lusíadas*, Canto II – estância 12.

⁶ CIDADE, 1986, p. 27.

O professor Gladstone (1983, p. 23) afirma que Camões é um católico convicto e muito esclarecido.

Só de Os Lusíadas, sem recorrer à lírica, se pode tirar um compêndio da fé católica, passando-se pelos diversos tratados: Deus Uno e Trino, Deus Criador e Sobrenaturalizador, Pecado Original, Redenção, Mariologia, Intercessão dos Santos, Escatologia ou, na Apologética, a correta noção de Igreja.

Através da profissão de fé proferida por Vasco da Gama, o poeta exprime sinteticamente a essência do Cristianismo:

A lei tenho d'Aquela, a cujo império / Obedece o visível e invisível / Aquela que criou todo o hemisfério, / Tudo o que sente, o todo o insensível, / Que padeceu desonra e vitupério, / Sofrendo morte injusta e insofribil, / E que do céu à terra, em fim deceu, / Por subir os mortais da terra ao céu.⁸

Nesta estância de *Os Lusíadas*, tem-se o prólogo do Evangelho de São João, onde o evangelista fala sobre a encarnação do Verbo de Deus, para redimir a humanidade, abrindo novamente acesso ao Paraíso perdido pelo pecado original e se refere às coisas visíveis e invisíveis, verdade de fé presente no Símbolo de Nicéia⁹.

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Camões aceitou integralmente a Revelação Divina e se nem sempre deu mostras de fé com a vida que levou não foi por falta de conhecimento religioso, mas por fraqueza ou negligência (MELO, 1983, p. 27).

Mesmo que a fé herdada pelo poeta, por tradição portuguesa, nem sempre tenha sido vivida integralmente, é possível perceber em sua obra a religiosidade católica latente, seja pelas marcas da Doutrina Católica, seja pelas inúmeras passagens bíblicas às quais o poeta faz alusão.

⁸ *Os Lusíadas*, Canto I – estância 65.

⁹ O Concílio ou Sínodo de Nicéia ocorreu no ano 325 d.C. com o objetivo de esclarecer a Fé nas três pessoas da Santíssima Trindade, combatendo, assim, uma heresia ariana que negava a divindade de Jesus Cristo.

3 A MAIOR EPOPEIA EM LÍNGUA PORTUGUESA: *OS LUSÍADAS*

Nos tempos heroicos da Grécia homérica, por volta dos séculos XII a VIII a.C., a epopeia era a forma poética de maior importância. Ouvir narrações épicas, como trechos da *Iliada* ou da *Odisséia*, era algo comum, de modo que tais histórias faziam parte do repertório coletivo. Essas fábulas gregas recompunham de forma poética a origem histórica e lendária da Grécia, eram escritas em verso hexâmetro¹⁰ e envolviam a participação dos deuses do Olimpo. No entanto, o que hoje é considerado mitologia, para os gregos era crença religiosa e concepção de mundo (TEIXEIRA, 2001, p. 15-17).

Nos cantos homéricos eram exaltadas as virtudes do povo grego: a astúcia, a força, a coragem, a amizade, a hospitalidade, a obediência aos deuses e a fidelidade aos reis.

*Esses cantos eram longas narrativas de exaltação do cumprimento do dever cívico e religioso, os poemas homéricos vinculavam-se estreitamente aos interesses e à sensibilidade de então, porque dimensionavam artisticamente as guerras, as viagens, os mitos e as lendas do povo, pondo em evidência suas crenças e seus valores.*¹¹

A *Iliada* e a *Odisséia*, posteriormente atribuídas a Homero, surgiram espontânea e anonimamente a partir de cantos populares, que circularam depois da guerra dos gregos contra os troianos, por isso são consideradas epopeias naturais ou primitivas. Já a *Eneida* de Virgílio é considerada uma epopeia artificial ou de imitação, pelo fato de ter autor específico e ser fruto de uma encomenda com fins políticos (Ibidem, 2001, p.18).

A estética renascentista retoma os gêneros clássicos, propondo uma revalorização da epopeia. Luís Vaz de Camões, que até então se havia dedicado à lírica, será o criador do maior poema épico dos tempos modernos: *Os Lusíadas*.

Os Lusíadas são o poema dos descobrimentos, do desvendamento dos mares e das terras, e da afirmação do poder do homem sobre os elementos, mas também da reafirmação dos valores cavaleirescos caracteristicamente medievais.¹²

O consagrado poeta Jorge de Lima (1893-1953) afirmava que *Os Lusíadas* “eram apenas história em versos”, no entanto, o contato com a obra de tal modo o entusiasmou que seu livro *Invenção de Orfeu* (1952) é de inspiração camoniana. Murilo Mendes (1901-1975), em sua obra *O Discípulo de Emaús* (1944), faz altas considerações sobre o poeta Camões, admiração semelhante é notada em Augusto Frederico Schmidt (1906-1965) e

¹⁰ Verso grego ou latino que tem seis pés, particularmente do verso dático.

¹¹ TEIXEIRA, 2001, p.16.

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), ambos poetas modernistas (MELO, 1998, p. 37). O professor Gladstone (1998, p. 35) aponta *Os Lusíadas* como um dos maiores poemas de toda a humanidade.

Entre os séculos XV e XVI, momento áureo de Portugal, inúmeros poetas se propuseram a cantar as glórias portuguesas, entre eles, o italiano Ângelo Poliziano (1454-1494) que se colocou à disposição do rei D. João II para escrever um poema em latim sobre os feitos heroicos portugueses. Em 1516, no “Cancioneiro Geral”, o trovador Garcia de Resende (1470-1536) faz um apelo para que surja um poeta com essa ousadia. Enquanto isso não acontecia, os historiadores é que despontavam com obras de caráter apologético em prosa, o mais célebre entre eles foi João de Barros (1497-1562) que desenvolveu uma “enciclopédia histórica de Portugal e de seus feitos pelo mundo”. Barros compreendia que a expansão portuguesa, além do caráter de empreendimento material, era um meio de propagação da fé (TEIXEIRA, 2001, p. 21 e 24). Camões percebe a necessidade de um poema que faça perpetuar a história portuguesa e escreve sua epopeia. No dizer de Ivan Teixeira (2001, p. 30) o poema de Camões pode ser definido como um “resumo metrificado da história de Portugal”.

Os Lusíadas constituem, de fato, uma epopeia renascentista moderna (Ibidem, 2005, p. 60), trata-se de uma verdadeira obra-prima que, para ser construída, demandou larga e consistente ação da emotividade poética, da intuição criadora, da inteligência crítica para selecionar, ordenar e relacionar, da imaginação para inventar e ornar, da técnica da língua e do metro, “tudo isto fecundado pela cultura humanística e científica” (CIDADE, 1968, p. 37). Não é sem razão que o professor Gladstone considerou Camões

*um dos maiores poetas da humanidade. E nós temos o privilégio de poder sentir isto em toda a sua força, porque a língua em que escreveu é a nossa, é a dele que se tornou nossa. Somos todos, como diz Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), ‘súditos de El-Rei Camões’.*¹³

3.1) PLANO HISTÓRICO E PLANO MÍTICO EM *OS LUSÍADAS*.

¹²

BERNARDINELLI, 2000, 319.

¹³

MELO, 1998, p. 37.

A obra *Os Lusíadas* é construída pelo poeta Camões a partir de dois planos narrativos, o plano histórico e o plano mítico, e uma das mais belas marcas apresentadas durante a narração é a presença do maravilhoso.

No plano histórico, o poeta apresenta a viagem de Vasco da Gama e a história dos treze reis de Portugal que antecederam a D. Manuel, sendo que esta está inserida naquela. Camões coloca essa narrativa histórica na fala do Capitão Gama em uma conversa diplomática com o rei de Melinde (TEIXEIRA, 2001, p. 62).

Promptos estavam todos escuitando / O que o sublime Gama contaria, / Quando, depois de um pouco estar cuidando, / Alevantando o rosto, assi dizia /— Mandas-me, ó Rei, que conte declarando / De minha gente a grão genealogia: / Não me mandas contar estranha história, / Mas mandas-me louvar dos meus a glória.¹⁴

A professora Cleonice Bernardinelli (2000, p. 320) ensina que a história não poderia ser excluída do poema com se fosse um aparato supérfluo, visto que a viagem constitui o seu núcleo.

Quanto ao plano mítico, “o mito é a condição prévia da epopeia” (CIDADE, 1986, p. 69), a qual não se caracteriza apenas pelo assunto heroico e pelo tom de celebração nacional, mas precisa incorporar lendas, mitos e tradições populares, conter viagens, guerras e, ao menos, um banquete (TEIXEIRA, 2001, p. 66 e 68). Sendo assim, o poeta ao escrever sua obra, *Os Lusíadas*, participa da atividade poética assinalada pelo fantástico e pelo maravilhoso e uma novidade na épica camoniana, que a difere das demais epopeias, é que o poeta apresenta no decorrer da obra tanto elementos do maravilhoso pagão, quanto elementos do maravilhoso cristão.

O maravilhoso pagão envolve, sobretudo, a presença dos deuses da mitologia greco-romana. Logo no início do poema, acontece o concílio dos deuses, onde Júpiter, Vênus e Marte posicionam-se a favor dos portugueses, enquanto Baco está disposto a atrapalhá-los.

Deixam dos Sete Céus o regimento /Que do poder mais alto lhe foi dado, / Alto poder, que só co pensamento / Governa o céu, a terra e o mar irado. / Ali se acharam juntos, num momento / Os que habitam o Arcturo congelado, / E os que o Austro tem e as partes onde / A Aurora nasce e o claro sol se esconde.¹⁵

¹⁴ *Os Lusíadas*, Canto III – estância 3.

¹⁵ *Os Lusíadas*, Canto I – estância 21.

Os planos histórico e mítico interpenetram-se e se completam na estrutura do poema, sendo que a mitologia é a responsável pelo encanto poético da obra (Ibidem, 2001, p. 66). A obra *Os Lusíadas* não é história, mas traz, poeticamente, fatos históricos.

Camões prometeu cantar apenas façanhas verdadeiras e cumprirá sua palavra.

*A verdade que eu conto nua e pura / Vence toda grandiloqua escritura.*¹⁶

A professora Cleonice Bernardinelli defende que

*a verdade do narrador histórico não exclui a “mentira” da mitologia, pois esta funciona como elemento estruturador e decorativo indispensável dentro da mentalidade da época, contendo, em seu nível, a sua verdade. Assim, duas ações correm paralelas durante a viagem: a dos navegadores e a dos deuses (...). Apenas na Ilha dos Amores, que é o prêmio concedido por Vênus a seus protegidos de volta à pátria, encontram-se os dois planos: deusas e homens confraternizam e amam-se.*¹⁷

De fato, uma das marcas singulares do poema é esta

*sobreposição do plano da ficção mitológica ao plano da realidade histórica. Tudo se passa neste como se aquele não existisse.*¹⁸

3.2) O MARAVILHOSO CRISTÃO COMO EXPRESSÃO DA RELIGIOSIDADE DO POETA.

A crítica racionalista, tendo como principais representantes os franceses Voltaire (1694-1778) e La Harpe (1839-1903), não tolerou a presença do maravilhoso pagão em um poema que tem, na ação, nos heróis e no objetivo, assunto cristão (CIDADE, 1968, p. 124). No entanto, a presença de elementos mitológicos justifica-se pelo caráter poético da obra. O maravilhoso pagão está no plano da ficção, enquanto o maravilhoso cristão está no plano das convicções religiosas do poeta.

A teoria de análise do discurso defendida por Pêcheux define o sujeito pelo assujeitamento, ou seja, o indivíduo que fala é de algum modo um porta-voz de discursos anteriores, pois seu discurso está submetido às condições exteriores (PÊCHEUX *apud* POSSENTI, 2002, p. 64). Isto não significa que o eu no discurso fique completamente apagado. A presença do outro no discurso não é suficiente para apagar a do eu, mas suficiente para mostrar que o eu não está só (POSSENTI, 2002, p. 65). Além disso,

¹⁶ *Os Lusíadas*, Canto V – estância 89.

¹⁷ BERNARDINELLI, 2000, p. 320.

¹⁸ CIDADE, 1968, p. 127.

através da teoria da enunciação de Benveniste e Bakhtin percebe-se que todo discurso deixa no enunciado as marcas da enunciação (CARNEIRO, 1998, p. 8).

O discurso camoniano enquadra-se nessas teorias, pois Camões é fruto de um tempo, ele é um autêntico homem português e o seu discurso está marcado pelo discurso reinante em Portugal, por isso assimilou o Renascimento sem deixar de lado a catolicidade, que não se tratava apenas de uma vivência pessoal isolada, mas da vivência de um povo.

Eduardo Lourenço (2001, p. 40) defende a influência cristã na formação cultural portuguesa e que não houve propriamente, em Portugal, o fenômeno de “paganização” a que se chamou Renascimento.

Isso não significa dizer que Portugal tivesse ficado inteiramente à margem das diversas revoluções ou mudanças culturais europeias, ou que não fizesse outras por sua própria conta e da mesma Europa, como a que os descobrimentos marítimos representam. Quer dizer apenas que dessas mudanças, enquanto alteravam o estatuto privilegiado da Igreja como referência cultural por excelência, ou horizonte incontornável do imaginário religioso, como também literário e artístico, só o que podia conciliar com a ortodoxia tinha entre os portugueses direito.¹⁹

Lourenço (2001, p. 40) afirma ainda que Portugal foi o país da Europa onde a Igreja exerceu em toda a sua plenitude o magistério intelectual, espiritual, pastoral e temporal, de modo que a história portuguesa está intrinsecamente ligada à história da Igreja em Portugal e a da Igreja universal.

Somente com o fenômeno da “europeização” realizado pelo marquês de Pombal, figura-chave no governo português entre 1750 e 1777, o profano se subordinará ao religioso (Ibidem, 2001, p. 42).

3.3) A RELIGIOSIDADE VISTA NA OBRA *OS LUSÍADAS*.

O professor Gladstone Chaves de Melo (1983, p. 27) afirma que Camões era um homem de fé e que na sua obra estão presentes princípios ou normas de ética natural, bem como preceitos de moral cristã sobrenatural.

3.3.1) Doutrina Católica

Gladstone (1988, p. 25-33) enumera diversos trechos de *Os Lusíadas* que revelam elementos da Doutrina Católica Cristã.

O poeta afirma a sua ortodoxia e combate às posições doutrinárias chamadas reformadoras (Ibidem, 1988, p. 26). Na estância 4 do Canto VII, o poeta exalta a fidelidade à santa Igreja na pessoa do sucessor de Pedro, o Papa, em oposição à infidelidade dos alemães, que por ocasião da Reforma Protestante se rebelaram contra o Papa e elegeram um novo chefe, Lutero:

Vede'los alemães, soberbo gado, / Que por tão largos campos se apascenta; / Do sucessor de Pedro rebelado, / Novo pastor e nova seita inventa / Vede'lo em feas guerras ocupado, / Que inda co cego error se não contenta, / Não contra o superbíssimo otomano / Mas por sair do jugo soberano.

Ainda no Canto VII na estância 5, o poeta refere-se à fundação da Igreja anglicana da qual Henrique VIII da Inglaterra tornou-se chefe (Ibidem, 1988, p. 26).

Vede'lo duro inglês, que se nomea / Rei da velha e santíssima cidade, / Que o torpe ismaelita senhorea / (Quem viu honra tão longe da verdade?) / Entre as boreais neves se recrea, / Nova maneira faz de cristandade: / Para os de Cristo tem a espada nua, / Não por tomar a terra que era sua.

Nos três primeiros versos da estância 69 desse mesmo Canto VII, o poeta faz alusão à maternidade virginal de Maria, por obra do Espírito Santo, apresentado pelo poeta como Bafo, ou seja, sopro, que é, nas Escrituras, o nome da terceira Pessoa da Santíssima Trindade (Ibidem, 1988, p. 26):

Têm a lei dum Profeta que gerado/ Foi sem fazer na carne detrimento / Da mãe, tal que por bafo está aprovado / Do Deus que tem do mundo o regimento.

Camões reconhece a intercessão dos santos e dos anjos, o que pode ser observado no Canto V na estância 60:

Eu, levantando as mãos ao santo coro / Dos anjos, que tão longe nos guiou, / A Deus pedi que removesse os duros / Casos que Adamastor contou futuros.

No Canto X na estância 118, o poeta dirige-se a São Tomé que segundo a tradição foi o evangelizador da Índia (Ibidem, 1988, p. 27).

Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo; / Chorou-te toda a terra que pisaste; / Mais te choram as almas que vestindo / Se iam da santa fé que lhe insinaste. / Mas os anjos do Céu, cantando e rindo, / Te recebem na Glória que ganhaste. / Pedimos-te que a Deus ajuda peças / Com que os teus lusitanos favoreças.

O velho do Restelo, na estância 98 do Canto IV, depois de condenar veementemente as conquistas, atribuindo-as à vaidade e ao desejo de glória, dirige-se à humanidade como “geração daquele insano”:

Mas ó tu, geração daquele insano, / Cujo pecado e desobediência, / Não somente do reino soberano / Te pôs neste desterro e triste ausência, / Mas inda doutro estado, mais que humano / Da quieta e da simples inocência, / Idade d'ouro, tanto te privou, / Que na de ferro e d'armas te deitou.

Camões fala sobre a Divina Providência em diversos trechos da obra. Cita-se aqui a estância 31 do Canto II e a estância 83 do Canto X (Ibidem, 1988, p. 31).

Bem nos mostra a Divina Providência / Destes portos a pouca segurança; / Bem claro temos visto na aparência, / Que era enganada a nossa confiança. / Mas, pois saber humano nem prudência / Enganos tão fingidos não alcança, / Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado / De quem sem ti não pôde ser guardado!

E também, porque a Santa Providência, / Que em Júpiter aqui se representa, / Por espíritos mil que tem prudência / Governa o mundo todo que sustenta / (Insina-o a profética ciência, / Em muitos dos exemplos que apresenta; / Os que são bons, guiando, favorecem, / Os maus, em quanto podem, nos empecem).

Na estância 138 do Canto III, o poeta exalta o comportamento virtuoso e fala que o vício é contagiante e leva à ruína:

Do justo e duro Pedro nasce o brando, / (Vede da natureza o desconcerto), / Remisso e sem cuidado algum, Fernando, / Que todo o Reino pôs em muito aperto / Que, vindo o castelhano devastando / As terras sem defesa, esteve perto / De destruir-se o reino totalmente; / Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

O professor Gladstone (1988, p.29) afirma que

as matérias dogmáticas estão em maior número em Os Lusíadas, enquanto as de moral e de vida cristã se acham antes na vasta obra lírica, principalmente na elegia “Se quando contemplamos as secretas” e nas redondilhas “Sôbolos rios que vão”, este uma longa paráfrase do salmo penitencial 136. (...) existem milhentas passagens relativas a coisas da religião cristã-católica, e em nenhuma delas há qualquer deslize da boa e reta doutrina.

Por fim, Melo (Ibidem, 1988, p. 33) afirma que o poeta não teve medo de testemunhar a fé mesmo estando em pleno ambiente cultural renascentista.

3.3.2) Sagrada Escritura

Embora não se tenha encontrado em nenhum autor menção a esse fato, constataram-se, na obra, inúmeras referências bíblicas, inclusive referências a citações

bíblicas pouco conhecidas, fato que demonstra o profundo conhecimento do poeta com relação às Sagradas Escrituras.

Para que essas referências sejam analisadas, citar-se-á o trecho da obra e a respectiva passagem bíblica referida pelo poeta.

Na estância 53 do Canto I, Camões cita Maomé, que segundo a tradição, era descendente de Abraão e de sua escrava Agar. O texto bíblico que indica esta descendência encontra-se em Gênesis²⁰.

*– Somos, um dos das ilhas lhe tornou, / Estrangeiros na terra, lei e nação; /
Que os próprios são aqueles que criou / A natura sem lei e sem razão. / Nós
temos a lei certa, que ensinou / O claro descendente de Abraão / Que agora
tem do mundo o senhorio, / A mãe hebreia teve, e o pai gentio.*

*Assim, depois de dez anos que Abrão residia na terra de Canaã, sua mulher
Sarai tomou Agar, a egípcia, sua serva, e deu-a como mulher a seu marido,
Abrão. Este possuiu Agar, que ficou grávida (Gn 16, 3-4).*

Há novas referências à escrava Agar nas estâncias 26 e 110 do Canto III.

No 3º e 4º versos da estância 27 do Canto III, o poeta faz referência ao batismo de Jesus, texto que se encontra nos evangelhos.

*E do Jordão a area tinha vista, / Que viu de Deus a carne em si lavada.
Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galiléia e foi batizado
por João no rio Jordão (Mc 1,9).*

No 1º e 2º versos da estância 54 do Canto III, o poeta menciona o valor que foi pago a Judas para entregar Jesus, referente ao trecho bíblico de Mateus.

*E nestes cinco escudos pinta os trinta / Dinheiros por que Deus fora vendido
O que me dareis se eu o entregar?’ Fixaram-lhe, então, a quantia de trinta
moedas de prata (Mt 26, 15).*

No 4º verso da estância 87 do Canto III, o poeta, refere-se a Jerusalém. Biblicamente, esta informação encontra-se nos evangelhos.

*Da cidade onde Cristo padeceu.
Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que fosse a
Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e
dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia (Mt 16, 21).*

Na estância 111 do Canto III, o poeta compara os cristãos e os mouros com os personagens bíblicos Golias e Davi, personagens do Antigo Testamento.

²⁰ Todas as citações bíblicas foram colhidas em *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição. São Paulo: Paulus, 1995. As abreviações serão feitas segundo a lista de abreviações apresentadas nesta bíblia (1995, p. 15).

Qual o membrudo e bárbaro gigante, / Do rei Saul, com causa, tão temido, / Vendo o pastor inerme estar diante, / Só de pedras e esforço apercebido, / Com palavras soberbas, o arrogante / Despreza o fraco moço mal vestido, / Que, rodeando a funda, o desengana / Quanto mais pode a fé que a força humana.

O filisteu pôs os olhos em Davi e, assim que o viu o menosprezou, porque era jovem – era ruivo e de bela aparência. (...) Mas Davi retrucou ao filisteu: ‘Tu vens contra mim com espada, lança e escudo; eu, porém, venho a ti em nome de Iahweh dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel que desafiaste. (...) Desse modo Davi venceu o filisteu com a funda e a pedra: feriu o filisteu e o matou; não havia espada nas mãos de Davi (1 Sm 17, 42.45.50).

A estância 117 do Canto III faz alusão à destruição de Jerusalém pelo imperador Tito. Essa destruição havia sido anunciada pelos profetas. Assim como foi destruído o santuário de Silo, será destruído o Templo de Jerusalém.

E se tu tantas almas só podeste / Mandar ao Reino escuro de Cocito, / Quando a santa cidade desfizeste / Do povo pertinaz no antigo rito, / Permissão e vingança foi celeste, / E não força de braço, ó nobre Tito, / Que assim dos vates foi profetizado, / E depois por Jesu certificado.

Vou tratar o Templo, onde meu Nome é invocado, e em que colocais a vossa confiança, o lugar que dei a vós e a vossos pais, como tratei Silo (Jr 7, 14).

Ainda no Canto III, na estância 140, o poeta faz menção a diversos personagens bíblicos que foram castigados devido ao pecado de adultério – Davi, Benjamim, Faraó e Siquém.

Do pecado tiveram sempre a pena / Muitos, que Deus o quis e permitiu: / Os que foram roubar a bela Helena, / E com Ápio também Tarquino o viu. / Pois por quem David santo se condena? / Ou quem o tribo ilustre destruiu / De Benjamim? Bem claro no-lo insina / Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

No 5º verso, o poeta refere-se a Davi que comete o pecado de adultério deitando-se com Betsabéia, mulher de Urias:

Davi mandou tomar informações sobre aquela mulher, e lhe disseram: ‘Ora, é Betsabéia, filha de Eliam e mulher de Urias, o heteu!’ Então Davi enviou emissários que a trouxessem. Ela veio ter com ele, e ele deitou-se com ela (2 Sm 11, 3-4).

No 7º verso, à tribo de Benjamim, cujos membros abusaram da mulher do levita até levá-la à morte:

Eles a conheceram e abusaram dela toda a noite até de manhã, e, ao raiar a aurora, deixaram-na. Pela manhã, a mulher veio cair à porta da casa do homem com quem estava o seu marido, e ali ficou até vir o dia (Jz 19, 25-26).

No 9º verso, o poeta menciona o Faraó, punido por desposar Sara, mulher de Abrão:

Mas Iahweh feriu Faraó com grandes pragas, e também sua casa, por causa de Sarai, a mulher de Abrão (Gn 12, 17).

E Siquém, foi punido por raptar Dina, filha de Jacó:

Dina, a filha que Lia havia dado a Jacó, saiu para ir ver as filhas da terra. Siquém, o filho de Hemor, o heveu, príncipe da terra, tendo-a visto, tomou-a, dormiu com ela e lhe fez violência. (...) dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Dina, tomaram cada qual sua espada e caminharam sem oposição contra a cidade e mataram todos os machos. Passaram ao fio da espada Hemor e seu filho Siquém, tomaram Dina da casa de Siquém e partiram (Gn 34, 1-2.25-26).

O poeta, no 7º e 8º versos da estância 13 do Canto IV, alude à negação do apóstolo Pedro a Jesus, passagem encontrada nos evangelhos:

*Negam o Rei e a Pátria e, se convém, / Negarão, como Pedro, o Deus que tem.
Então ele começou a praguejar e a jurar, dizendo: 'Não conheço o homem!' E imediatamente o galo cantou. E Pedro se lembrou da palavra que Jesus dissera: 'Antes que o galo cante, três vezes me negarás'. Saindo dali, ele chorou amargamente (Mt 26, 74-75).*

Os dois primeiros versos da estância 63 do Canto IV referem-se à travessia do povo de Israel pelo mar Vermelho e o 3º e 4º versos citam o filho de Ismael – Nabajoth. Estas passagens bíblicas encontram-se, respectivamente, em Êxodo e em Gênesis.

*Passam também as ondas eritreas, / Que o povo de Israel sem nau passou.
Ficam-lhe atrás as serras nabateas, / Que o filho de Ismael co nome ornou.
Então Moisés estendeu a mão sobre o mar. E Iahweh, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez o mar se retirar. Este se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas formaram como um muro à sua direita e à sua esquerda (Ex 14, 21-22).
Eis os nomes dos filhos de Ismael, segundo seus nomes e sua linhagem: o primogênito de Ismael, Nabaiot (Gn 25, 13).*

Na estância 98 do Canto X, há nova referência à travessia do mar Vermelho por Moisés.

Nos dois primeiros versos da estância 64 do Canto IV, o poeta alude ao episódio de Babel. No texto bíblico, os descendentes de Nóe constroem uma torre com a intenção de tocar o Céu, Deus os pune fazendo com que cada um falasse numa língua diferente, de modo que não se entendiam.

*Entram no estreito pérsico, onde dura / Da confusa Babel inda a memória.
Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra (Gn 11,9).*

No 4º verso da estância 74 do Canto VI, o poeta torna a referir-se à torre de Babel.

Já no 7º verso da estância 70 do Canto IV, Camões faz referência ao pecado de Adão, narrado em Gênesis.

Que, dêz que Adão pecou aos nossos anos, / Não as romperam nunca pés humanos.

A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável pra adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava e ele comeu (Gn 3,6).

Há uma nova referência ao pecado de Adão na estância 98 desse mesmo Canto IV.

Na estância 87 do Canto IV, o poeta refere-se à Belém como a terra onde o Verbo se encarnou. O trecho bíblico correspondente está em Lucas.

Partimo-nos assi do santo templo / Que nas praias do mar está assentado, / Que o nome tem da terra, pera exemplo, / Donde Deus foi em carne ao mundo dado.

Também José saiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, para a Judéia, na cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com Maria, sua mulher, que estava grávida. Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz o seu filho primogênito (Lc 2, 4-7).

Na estância 99 desse mesmo Canto IV, o poeta censura, através do velho do Restelo, os navegantes pelo desprezo da vida, que o próprio Cristo temeu perder. Trata-se de uma referência à agonia de Jesus no Getsêmani.

Já que nesta gostosa vaidade / Tanto enlevas a leve fantasia, / Já que à bruta crueza e feridade / Puseste nome esforço e valentia, / Já que prezas em tanta quantidade / O desprezo da vida, que devia / De ser sempre estimada, pois que já / Temeu tanto perdê-la Quem a dá.

E, indo um pouco adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres’ (Mt 26,39).

Nos versos 7º e 8º da estância 12 do Canto V, Camões ao referir-se ao nome da ilha diz:

Ficou, coa ilha ilustre, que tomou / O nome dum que o lado a Deus tocou.

Refere-se a São Tomé, o apóstolo que disse só acreditar na ressurreição de Jesus se o tocasse.

Os outros discípulos, então, lhe disseram: ‘Vimos o Senhor!’ Mas ele lhes disse: ‘Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei’ (Jo 20, 25).

Uma nova menção a este texto bíblico é encontrada nos últimos versos da estância 108 do Canto VIII.

Já nos três últimos versos da estância 78 do Canto V, para indicar o nome da nova terra é ao guia de Tobias, a quem o poeta se refere. Encontra-se no livro de Tobias o texto bíblico referente ao guia, o Arcanjo Rafael.

Que, pera assinalar lugares tais, / Trazia alguns: o nome tem do belo / Guiador de Tobias a Gabelo.

Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre presentes e têm acesso junto à Glória do Senhor (Tb 12, 15).

Outra estância riquíssima em alusões bíblicas é a 81 do Canto VI.

– Divina Guarda, angélica, celeste, / Que os céus, o mar e terra senhoreas; / Tu, que a todo Israel refúgio deste / Por metade das águas eritreas; / Tu, que livraste Paulo e defendeste / Das Sirtes arenosas e ondas feas, / E guardaste, cos filhos, o segundo / Povoador do alagado e vácuo mundo.

O poeta alude à intervenção divina na travessia do mar Vermelho; refere-se a uma passagem bíblica dos Atos dos Apóstolos, na qual Deus protege Paulo diante de uma forte tempestade em sua viagem da Judéia para Roma; refere-se ainda ao dilúvio depois do qual o mundo ficou vazio, restando apenas a arca de Nóe.

Naquele dia, Iahweh salvou Israel das mãos dos egípcios, e Israel viu os egípcios mortos à beira-mar. Israel viu o grande poder que Iahweh havia mostrado contra eles. E o povo temeu a Iahweh, e creram em Iahweh e em Moisés, seu servo (Ex 14, 30-31).

Apesar de tudo, porém, exorto-vos a que tenhais ânimo: não haverá perda de vida alguma entre vós, a não ser a perda do navio. Pois esta noite apareceu-me um anjo de Deus ao qual pertenco e a quem adoro, o qual me disse: ‘Não temas, Paulo. Tu deves comparecer perante César, e Deus te concede a vida de todo os que navegam contigo. Por isso, reanimai-vos amigos! Confio em Deus que as coisas ocorrerão segundo me foi dito (At 27, 22-25).

Deus lembrou-se então de Noé e de todas as feras e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca; Deus fez passar um vento sobre a terra e as águas baixaram (Gn 8, 1).

No 5º e 6º versos da estância 75 do Canto VII, Camões faz menção ao licor de Nóe. Segundo o texto bíblico, Noé foi o primeiro a plantar uma vinha e a embriagar-se com o vinho.

Dos espumantes vasos se derrama / O licor que Noé mostrara à gente.

Noé o cultivador, começou a plantar a vinha. Bebendo vinho, embriagou-se e ficou nu dentro de sua tenda (Gn 9, 20-21).

No 7º e 8º versos da estância 80 do Canto VII, o poeta fala sobre um rei judaico. Este rei é Ezequias, segundo Epifânio Dias (DIAS *apud* CAMÕES, 1980, p. 462), que estando enfermo e sabendo através do profeta Isaías que iria morrer, obteve com suas súplicas e lágrimas que Deus lhe concedesse mais quinze anos de vida.

Que não menos milagre foi salvar-se / Que pera o rei judaico acrescentar-se.

Volta e diz a Ezequias, chefe do meu povo: Assim fala Iahweh, Deus de teu pai Davi. Escutei tua prece e vi tuas lágrimas. Vou curar-te: em três dias subirás ao Templo de Iahweh. Acrescentarei quinze anos a tua vida (2Rs 20, 5-6).

No 6º verso da estância 65 do Canto VIII, o poeta refere-se à humanidade como geração de Adão. Os textos bíblicos correspondentes encontram-se em Gênesis

Na geração de Adão, coa falsidade.

O homem chamou sua mulher ‘Eva’, por ser a mãe de todos os viventes. O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caím, e disse: ‘Adquiri um homem com a ajuda de Iahweh’. Depois ela deu também à luz Abel, irmão de Caím (Gn 3, 20; 4, 1-2).

A estância 119 do Canto X alude ao texto do Novo Testamento no qual os cristãos são chamados de “sal da terra”. O texto bíblico encontra-se no evangelho segundo Mateus.

Olhai que, se sois sal e vos danais / Na pátria, onde profeta ninguém é.

Vós sois o sal da terra (Mt 5, 13).

Na estância 124 do Canto X, o poeta fala sobre os ouros de Ofir. Segundo o texto bíblico, o ouro de Ofir abastecia o tesouro do rei Salomão.

Dizem que desta terra coas possantes / Ondas o mar, entrando, dividiu / A nobre ilha Samatra, que já d’antes / Juntas ambas a gente antiga viu. / Quersoneso foi dita; e das prestantes / Veas d’ouro que a terra produziu, / Áurea, por epíteto, lhe ajuntaram; / Alguns que fosse Ofir imaginaram.

Por sua vez, a frota de Hiram, que trouxe ouro de Ofir, trouxe também madeira de sândalo em grande quantidade e pedras preciosas (1Rs 10, 11).

3.3.3) Outros Elementos de Catolicidade.

Além dos elementos doutrinários e das referências bíblicas, há em *Os Lusíadas* outros elementos reveladores de catolicidade.

Ivan Teixeira identifica na obra a presença de mitos católicos.

O exemplo mais consagrado é a batalha de Ourique, na qual o próprio Cristo teria auxiliado Afonso Henriques a deter os árabes em seu avanço contra as terras cristãs.²¹

O poeta dedica treze estrofes à narração desta batalha (Canto III, estâncias 42 à 54), que representa o primeiro passo na dilatação da fé e do império.

²¹ TEIXEIRA, 2001, p. 66.

*Mas já o Príncipe Afonso aparelhava / O lusitano exército ditoso, / Contra o mouro que as terras habitava / D'além do claro Tejo deleitoso; / Já no campo de Ourique se assentava / O arraial soberbo e belicoso, / Defronte do inimigo sarraceno, / Posto que em força e gente tão pequeno.*²²

A professora Cleonice Bernardinelli (2000, p. 58) afirma que se tratava de uma batalha duvidosa: “um rei português contra cinco reis mouros, cem infiéis para um cristão”. Aconteceu subitamente um milagre: o Cristo crucificado mostrou-se a todos, animando os combatentes portugueses que saíram vitoriosos da batalha.

A matutina luz, serena e fria, / As estrelas do pólo já apartava, / Quando na Cruz o Filho de Maria, / Amostrando-se a Afonso, o animava. / Ele, adorando Quem lhe aparecia, / Na fé todo inflamado assi gritava: / – Aos infiéis, Senhor, aos infiéis, / E não a mi, que creio o que podeis!

*Com tal milagre os ânimos da gente / Portuguesa inflamados, levantavam / Por seu rei natural este excelente / Príncipe, que do peito tanto amavam; / E diante do exército potente / Dos imigos, gritando, o céu tocavam, / Dizendo em alta voz: – Real, real, / Por Afonso, alto rei de Portugal.*²³

O professor Bowra (BOWRA *apud* CIDADE, 1968, p.131) defende que os deuses pagãos, na obra *Os Lusíadas*, não são apenas ficção de puro interesse lúdico, mas estão relacionados às convicções cristãs do poeta.

*Já no século XVIII o tradutor francês de Os Lusíadas – Duperron de Castéra – interpretara Vênus como representando a religião, Marte a Cristo, Júpiter como a Providência divina que rege o mundo.*²⁴

O professor Hernâni Cidade (1968, p. 126) aponta diversas incongruências no mito. Diante dos desafios da viagem é a Deus que os portugueses recorrem, mas os deuses pagãos interferem e os ajudam, depois de superada a dificuldade, é a Deus que agradecem. No Canto II, por exemplo, Vênus liberta com as ninfas a nau do perigo que corre em Mombaça. Gama atribui o milagre à Divina Guarda, a quem suplica:

*Bem nos mostra a Divina Providência / Destes portos a pouca segurança; / Bem claro temos visto na aparência, / Que era enganada a nossa confiança. / Mas, pois saber humano nem prudência / Enganos tão fingidos não alcança, / Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado / De quem sem ti não pôde ser guardado!*²⁵

O curioso é que, a deusa, suposta autora do favor que o Gama agradece à Divina Guarda, é quem ouve a prece do capitão que à mesma Divina Guarda se dirige e não a ela (CIDADE, 1968, p. 127).

²² *Os Lusíadas*, Canto III – estância 42.

²³ *Os Lusíadas*, Canto III – estâncias 45 e 46.

²³ CIDADE, 1968, p. 131-132.

²⁴ *Os Lusíadas*, Canto II – estância 31

²⁵

Considerado fora do contexto, o termo “Divina Guarda” poderia aplicar-se tanto a Deus quanto à Vênus. No entanto, esta Divina Guarda é a mesma que, no Canto VI na estância 81, é qualificada pelos epítetos angélica e celeste, e a quem é atribuído ter dado refúgio a todo o Israel (CIDADE, 1968, p. 127).

Outra questão estranhíssima assinalada por Cidade (1968, p. 128) é a dos deuses Júpiter, Vênus e Marte favorecerem uma viagem que tinha como um dos objetivos a dilatação da fé, que os negava. É, ainda, através da ninfa Tétis, em seu discurso na Ilha dos Amores, que o poeta desfaz o mito, esclarecendo sua finalidade “Só pera fazer versos deleitosos” serve e se detém a falar de São Tomé, o apóstolo das Índias, da sua pregação, dos milagres que realizou, do medo e da inveja que despertou, da morte a lança em meio a pedradas (BERNARDINELLI, 2000, p. 101):

Aqui, só verdadeiros, gloriosos / Divos estão, porque eu, Saturno e Jano, / Júpiter, Juno, fomos fabulosos, / Fingidos de mortal e cego engano. / Só pera fazer versos deleitosos / Servimos; e, se mais o trato humano / Nos pode dar, é só que o nome nosso / Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

Aqui a cidade foi que se chamava / Meliapor, fermosa, grande e rica; / Os ídolos antigos adorava / Como inda agora faz a gente inica. / Longe do mar naquele tempo estava, / Quando a fé, que no mundo se pubrica, / Tomé vinha pregando, e já passara / Províncias mil do mundo, que insinara.

Chegado aqui, pregando e junto dando / A doentes saúde, a mortos vida, / Acaso traz um dia o mar, vagando, / Um lenho de grandeza desmedida. / Deseja o Rei, que andava edificando, / Fazer dele madeira; e não duvida / Poder tirá-lo a terra, com possantes / Forças de homens, de engenhos, de alifantes.²⁶

²⁶

Os Lusíadas, canto X – estância 82. 109-110.

4 CENSORES DA OBRA

Um dos documentos mais importantes expedidos pelo rei D. Sebastião, no que diz respeito à cultura, foi o alvará escrito a 24 de setembro de 1571, autorizando Camões a publicar sua obra épica com a única exigência de que antes a obra fosse analisada pelo Santo Ofício. Cita-se aqui um trecho do alvará real (BERNARDINELLI, 2000, p. 109):

Eu, el-Rei, faço saber aos que este Alvará virem que eu hei por bem e me praz dar licença a Luís Vaz de Camões pera que possa fazer imprimir, nesta cidade de Lisboa, uma obra em Octava rima chamada Os Lusíadas que contém dez cantos perfeitos, na qual por ordem poética em versos se declaram os principaes feitos dos Portugueses nas partes da Índia depois que se descobrio a navegação pera elas por mandado del-Rei Dom Manuel meu bisavô que sancta glória haja (...) antes de se imprimir será vista e examinada na mesa do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição pera com sua licença se haver de imprimir, e se o dito Luís de Camões tiver acrescentados mais alguns Cantos, também se imprimirão havendo pera isso licença do Santo Ofício, como acima é dito.

Cleonice (2000, p. 111) questiona o fato de D. Sebastião ter lido a obra, pois segundo a professora o rei adolescente não era dado à leitura e, além disso, afirma em seu alvará que o poeta se propõe a cantar os principais feitos portugueses nas partes da Índia, quando na realidade, Camões canta toda a história de Portugal, seu passado glorioso, de Virato a D. Manuel e a difusão da fé e do Império, pois além das conquistas armadas, canta a religião, que era suporte ou pretexto para as mesmas.

Cumprindo a exigência real, o poema passou por aprovação inquisitorial. Aliás, a liberação do Santo Ofício, estava, na ocasião, acima da permissão real, a Inquisição controlava as publicações, chegando a pôr em dúvida a edição da obra, devido à presença de elementos pagãos. O Frei Bertolameu Ferreira, dominicano de Lisboa, foi quem recebeu a incumbência de ler o poema para examiná-lo quanto à ortodoxia e a moral (MELO, 1988, p. 42).

Segundo o professor Gladstone (1988, p. 42), não faltou quem dissesse que o poema teria, em muitos aspectos, sofrido alterações da Inquisição. No entanto, Melo defende que essa hipótese carece de fundamentação, a começar pelo fato de que o Frei Bertolameu Ferreira demonstra-se em seu parecer inteiramente favorável à obra.

Vi, por mandado da Santa e Geral Inquisição, este dez cantos d'Os Lusíadas, de Luís de Camões, dos valorosos feitos em armas, que os portugueses fizeram em Ásia e Europa; e não achei neles cousa alguma escandalosa, nem contrária a fé e bons costumes. Somente me pareceu que era necessário advertir os leitores que o autor, pera encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos portugueses na Índia, usa de uma ficção dos deuses dos gentios. E, ainda que Santo Agostinho, nas sua Retractações, se retracte de ter chamado, nos livros que compôs De Ordine, às musas deusas, todavia, como isto é poesia e fingimento, e o autor, como poeta, não pretendia mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula dos deuses na obra, conhecendo-a por tal e ficando sempre salva a verdade da nossa santa fé que todos os deuses dos gentios são demônios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, e o autor mostra nele muito engenho e muita erudição nas ciências humanas.

Para justificar a presença dos deuses na obra, o Frei Bertolameu apela para os seguintes argumentos: primeiro, considera que o autor se serve da ficção dos deuses pagãos para valorizar as dificuldades encontradas pelos portugueses durante a navegação; segundo, sendo a obra de Camões poesia e fingimento, o poeta serve-se da mitologia para ornar o estilo poético; concluindo, afirma que a presença dos deuses não contradiz a verdade da fé católica (BERNARDINELLI, 2000, p. 94).

Segundo Cleonice (2000, p. 95), as palavras do Frei encontram eco, principalmente, nos cantos IX e X, onde o mito é desfeito. O poeta confessa, através da voz do narrador, na estância 89 do canto IX, que as ninfas e os deuses não são mais do que metáforas das “deleitosas / Honras que a vida fazem sublimada” e através da voz da própria Tétis, na estância 82 do canto X, que os deuses só servem como elementos de ficção poética (Ibidem, 2000, p. 97).

Cleonice (2000, p. 97) questiona se o censor leu essas estâncias na obra de Camões e as comentou ou se, no seu parecer, apenas transcreveu essas alterações aconselhadas ao poeta para que o poema pudesse ser editado.

O fato é que Frei Bertolameu afirmou não ter encontrado na obra “cousa alguma escandalosa, nem contrária à fé e bons costumes”, no entanto treze anos depois ao escrever um novo parecer para a edição de 1584 declara:

Vi por mandado do Ilustrissimo e Reverendissimo senhor Arcebispo de Lisboa, Inquisidor Geral destes Reinos, Os Lusíadas de Luís de Camões, com algumas glosas, o qual livro assi emendado como agora vai, não tem cousa contra a fé e bons costumes, e pode-se imprimir. E o autor mostrou nele muito engenho e erudição.²⁷

²⁷

Ibidem, 2000, p. 113.

A edição de 1854 foi a primeira que trouxe notas elucidativas, muitas de grande utilidade e pertinência, no entanto, uma nota desastrada marcou esta edição com o nome de Piscos.²⁸ No que diz respeito ao texto apresentado nesta edição:

*não só foi cortado, mas alterado e desvirtuado em muitas passagens, por motivos ideológicos, porque alguns passos atentavam contra a fé e os bons costumes – ponto de vista ético-religioso – e porque outros eram agressivos aos castelhanos – ponto de vista político.*²⁹

A professora Cleonice (2000, p. 114) defende a idéia de que o frade censor não mudou de idéia treze anos depois, mas sucumbiu diante da força espanhola, que na ocasião dominava Portugal, manifestando seu poder, sobretudo, na repressão política e religiosa. Em matéria de fé importava para os censores eliminarem a palavra *deuses*.

Uma nova edição, cópia da dos Piscos e trazendo o mesmo parecer, foi lançada em 1591. Seis anos mais tarde, estando ainda Portugal sob domínio espanhol, foi publicada uma edição que recuperou a de 1572 (obra original), esta recebeu licença inquisitorial a 1594, depois de ter sido analisada por Frei Manuel Coelho, o qual se serve de argumentos semelhantes aos do seu antecessor:

Vi isto, e visto não terem, como disse, cousa alguma contra a nossa sancta fé, e bons costumes, antes estarem cheas de muita poesia, são dignos de se imprimirem e lerem.

Esses dados mostram que os anos 80 em Portugal foram marcados por um agravamento da censura inquisitorial, enquanto nos anos 90 houve um afrouxamento que possibilitou o retorno ao texto original da épica camoniana.³⁰

²⁸ Referindo-se ao v. 2 da estrofe 65 do Canto III, a nota afirmava “Chama piscosa, porque em certo tempo se ajunta ali grande quantidade de piscos pera se passarem a África”.

²⁹ Ibidem, 2000, p. 114.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo não desgasta a obra dos grandes artistas, muito pelo contrário, só contribui para que aspectos até então irrelatados possam ser conhecidos e aprofundados.

Buscou-se, no decorrer desta exposição, apresentar elementos já considerados por estudiosos da obra camoniana e, ao mesmo tempo, contribuir com esses estudos, trazendo novas informações para serem somadas com as já existentes, fruto de árdua pesquisa e de minuciosa investigação feita pelos cantos e estâncias da épica camoniana.

Diante da problemática norteadora deste trabalho, ou seja, da coexistência do maravilhoso pagão com o maravilhoso cristão em uma obra de moldes clássicos e da hipótese de que o maravilhoso cristão supera o maravilhoso pagão, conclui-se que o poeta Camões, homem típico do Renascimento, como se demonstrou, expressa-se em sua obra como poeta e como cristão, sendo que uma realidade não depreciou a outra.

Camões seguiu com rigor as características renascentistas, mas em momento algum abandonou suas convicções morais, éticas e cristãs, imprimindo em sua obra as marcas de sua religiosidade. Revelou-se em sua obra, *Os Lusíadas*, concedendo-lhe um caráter pessoal. Se, por um lado, a religiosidade não pôde ser observada na vida do poeta, seja por fraqueza moral ou negligência, por outro, essa consciência religiosa foi claramente expressa, como se observou, em *Os Lusíadas*.

O mito, condição prévia da epopéia, deve ser entendido como ficção e criação poética e como afirmaram os censores Frei Bertolameu Ferreira e Frei Manuel Coelho não contradizem em nada a santa fé cristã católica.

Defendeu-se neste trabalho não somente que Camões foi cristão, mas cristão católico. Tal afirmação deve-se ao fato de que o poeta apresentou em sua obra elementos próprios da fé católica que não são acreditados pelas outras denominações cristãs, como a fidelidade ao papa, sucessor do apóstolo Pedro; a virgindade de Maria, mãe de Jesus; e, a intercessão dos anjos e santos.

³⁰ Ibidem, 2000, p 120 e 122.

Embora alguns autores defendam que a obra sofreu a intervenção da censura e os elementos que desfazem o mito e garantem a fé católica foram inserções feitas pelo frade censor, a pesquisa apresentada neste artigo mostra que as marcas da religiosidade não se concentram em estâncias específicas, o que era de se esperar caso tivessem sido feitas pelo censor, mas se encontram nas mais diversas estâncias, do Canto I ao X.

Como dado novo, não encontrado em estudos anteriores, este trabalho apresenta as diversas referências bíblicas feitas pelo poeta no decorrer de sua obra.

Considera-se, enfim, que há motivos suficientes para se afirmar que o poeta Luís Vaz de Camões tinha, de fato, consciência e convicções morais e cristãs católicas e que manifestou de modo claro sua catolicidade no poema épico *Os Lusíadas* através do qual demonstrou profundo conhecimento da Doutrina Cristã Católica e da Sagrada Escritura

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia de Jerusalém. Nova edição. São Paulo: Paulus, 1995.

BECHARA, Evanildo; SPINA, Segismundo. Introdução literária. In: **Os Lusíadas – Luís de Camões:** antologia. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BERNARDINELLI, Cleonice. **Estudos Camonianos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas.** Edição comentada. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CARNEIRO, Agostinho Dias. Para uma nova análise do discurso. In: _____. **O discurso da mídia.** Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.

CIDADE, Hernâni. **Luís de Camões – O Épico.** 3. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1968.

_____. **Vida e obra de Luís de Camões.** 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil – História, teoria, análise:** das origens orientais ao Brasil de hoje. 2 ed. São Paulo: Quíron / Global, 1982, p. 31-85.

GOIS JÚNIOR, José Caldas. **Curso de Metodologia da Pesquisa.** Disponível em: <<http://www.geocities.com/athens/agora/4197/CURSO.html#conteudo4>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

LOPES, C. Figueiredo. **História Cronológica de Portugal.** Portugal: Porto Editora, s.d.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Romantismo, Camões e a saudade. In: _____. **Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade.** 3 ed. Lisboa: Grandiva, 2001, p. 143-154.

MELO, Gladstone Chaves de. A exemplar ortodoxia de Camões. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 397, p. 23-34, abr. 1988.

_____. As filosofias do Renascimento em Camões. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 430, p. 39-50, jan. 1991.

_____. Lições camonianas de bem viver. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 344, p. 23-32, nov. 1983.

_____. “*Os Lusíadas*”, um dos maiores poemas da humanidade. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, n. 206, p. 35-50, mai. 1998.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 49-60.

POSSENTI, Sírio. O eu no discurso do outro ou a subjetividade mostrada. In: _____. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002, p. 61-73.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 3. ed. Publicações Europa-América, 1979.

TEIXEIRA, Ivan. “*Os Lusíadas*” – **Luís de Camões**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.